

A denúncia do crime civilizacional, Tucídides e o *éthos* heroico de Euclides da Cunha

*Anderson Zalewski Vargas*¹

*Rafael Vicente Kunst*²

Mais glorioso foi para **Eneas** o nome do piedoso, salvando nos ombros a seu pai; que o de valoroso, tendo a seus pés seus inimigos. Ditosos chamou **Eurípedes** aos pais que têm filhos obedientes. E pelo contrário, se podem intitular desgraçados os que têm filhos descomedidos aos conselhos e preceitos justos seus pais. Por isso, como diz **Quintiliano**, são os filhos a esperança dos pais, quando obram bem e virtuosamente.

Antonio Conselheiro, Apontamentos dos preceitos da Divina Lei de nosso Senhor Jesus Cristo, para a salvação dos homens (2017, p.130-131)

Ao final do proêmio de *Os sertões*, Euclides da Cunha escreveu três linhas isoladas para complementar seu juízo sobre a “Campanha de Canudos”:

Aquela campanha lembra um refluxo para o passado.
E, foi, na significação integral da palavra, um crime.
 Denunciemo-lo. (*Notas Preliminares*, p. 11, 35-37³)

¹ Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS

² Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.

³ Adotamos a edição crítica de Walnice Nogueira Galvão (2016) para as citações em vista da útil numeração das linhas. Salvo indicação em contrário, os destaques das citações são de minha autoria.

Um “crime”. Esse é um indício das razões pelas quais o tradutor alemão da obra euclidiana, Berthold Zilly, escreveu um artigo intitulado “*Uma crítica precoce à “globalização” e uma epopeia da literatura universal: Os sertões de Euclides da Cunha, cem anos depois*”. Euclides da Cunha pode, portanto, ser colocado ao lado de outros poucos intelectuais da época como Lima Barreto e Manuel Bonfim.⁴ A singularidade destes poucos cresce em importância porque, no início do século XX, conceber intelectual e publicamente a repressão de um movimento como o de Canudos como criminosa era algo *sui generis*. Nas páginas de jornais das principais cidades brasileiras, por exemplo, eram promovidas verdadeiras campanhas contra os “obstáculos” à modernização do país, entre os quais, um indefinido “povo”. De forma geral, Estado era instado a ser o agente de alterações materiais como a substituição da arquitetura colonial, a implementação de rede de esgotos... mas também da reformulação de hábitos, da moral e da aparência dos brasileiros. Muitos destes artigos foram escritos por indivíduos que conciliavam sua ocupação profissional com a de “homens de letras” (como o fez Euclides da Cunha), pretendendo ser reconhecidos como atores do processo de transformação do país. Em seus textos, o “povo” foi apresentado, muitas vezes, como um obstáculo ao progresso, devendo, por essa razão, ser alvo de ações transformadoras ou repressoras por parte das autoridades⁵. Como o latino *populus* e termos gregos como *polloi* (muitos), “povo” designa o “homem em estado de número” e seus sentidos específicos dependem de avaliações sobre a essência, a condição, a forma de reunião dos agrupamentos de pessoas designados pelo termo (BOLLÈME, 1988, p. 17). Na *Belle Époque* brasileira, tais sentidos

⁴Esta posição contracorrente de Euclides também foi destacada, entre outros, por Simone Petraglia Kropf (1996), Walnice Galvão (1994) e Marçal Paredes (2003).

⁵Dois marcos iniciais deste campo de investigação: *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*, de Sydney Chalhoub (1986) e *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, de Nicolau Sevcenko (1989). Em minha dissertação de mestrado (1992), segui esta senda ao investigar as matérias de um modesto jornal porto-alegrense, *O Independente*, entre 1900 e 1919.

eram predominantemente negativos, o que singulariza a avaliação euclidiana sobre Canudos.

Filho de fazendeiro e ativista político republicano, Euclides da Cunha (1866-1909) foi desde cedo complexo e polêmico. Órfão de mãe ainda menino, de saúde fragilizada por tuberculose, rebelde aluno de escola militar, ativista republicano logo desiludido com o novo regime, ex-oficial do exército, engenheiro, desbravador do interior amazônico em expedição para estabelecer os limites com o Peru, “homem de letras” ansioso por participar da esfera pública republicana, morto ao tentar limpar sua honra pelo amante da mulher ...São muitos os dados biográficos reveladores de uma existência que se sobressaiu nacionalmente quando conseguiu publicar o alentado volume sobre a guerra interna que servira para arregimentar muitos brasileiros das grandes capitais. Desde os primeiros comentários elogiosos – recepção que o levou à Academia Brasileira de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico -, e até os dias de hoje, *Os sertões* ocuparam o espaço de obra nacional pelas suas ideias e pelas qualidades superlativas de sua escrita. História? Jornalismo? Escrita científica? Artística? Ou ambas? Não há juízos absolutos sobre esse grande livro⁶.

No nosso caso, profissional da área de História que descobriu *Os Sertões* em idade já avançada, houve desde o início a conjugação de admiração e repulsa. Já na leitura do parágrafo inicial das “Notas Preliminares”, nos impressionou a linguagem tortuosa pela alteração recorrente da ordem dos termos da frase, a proposição explícita de um *éthos discursivo*⁷ heroico transmitido logo na

⁶Dentre as tentativas de definição, destacamos a de Luiz Costa Lima, para quem seria inaceitável admitir serem *Os Sertões* ao mesmo tempo história e literatura (2008, p. 75).

⁷Não é possível desconsiderar a noção aristotélica instauradora da compreensão de que podemos ser persuadidos quando a natureza de um discurso nos transmite a impressão de ser o orador digno de fé – podendo ser mesmo causa de persuasão mais relevante que a lógica (*lógos*) e a emocional (*páthos*) (*Retórica*, 1356a, 5-6). Consideramos recomendável também considerar as ideias de Dominique Mainguenu a respeito desta imprecisa noção quando a usamos na análise de textos escritos. Ressalto aqui a noção de *éthos pré-discursivo*, abarcante das ideias prévias de um leitor/ouvinte sobre enunciador e os “princípios mínimos” de acordo sobre diversas avaliações do *éthos discursivo*:

primeira linha: “Escrito nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante”, seguida pela informação surpreendente do fracasso do plano inicial com “este livro, que a princípio se resumia à história da campanha de Canudos, perdeu toda a atualidade, remorada sua publicação em virtude de causas que temos por escusado apontar.”⁸ (E as causas realmente nunca são apontadas, restando, na leitura, um mistério na origem da alteração dos caminhos que redundaram em *Os sertões*.) Também nos impressionou o contraste entre a proclamação de modéstia e a dimensão e qualidade colossais da obra...A admiração persistiu ao longo da leitura da seção que muitos deixam de lado – *A Terra*: nunca conhecera descrição tão dramática da natureza – e prosseguiu até o fim, atingindo o clímax em *A luta*, tal como deve ter sido imaginado pelo seu autor. Espanto também foi sentido por constatar a simpatia pelo sertanejo... mas uma simpatia perturbadora. Porque logo identificamos a violência imanente à concepção histórica e sociológica professada por Euclides:

A civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável **‘força motriz da História’** que Gumpłowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, **no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes.**” (*Nota Preliminar*, p. 10, 22-25)

O narrador-Euclides, que anuncia entusiasticamente e sem maiores abalos a violência geradora de história, fez-se promotor a denunciar o ato de violência inaugural da República brasileira em

- o *éthos* é uma noção *discursiva*, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala;

- o *éthos* é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro;

- é uma noção fundamentalmente *híbrida* (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica. (MAINGUENEAU, 2008, p. 17)

⁸“Escrito nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante, este livro, que a princípio se resumia à história da Campanha de Canudos, perdeu toda a atualidade, remorada a sua publicação em virtude de causas que temos por escusado apontar.” (*Os sertões*, 2016, p. 10, 1-4)

uma obra proclamada como histórica⁹, rica em recursos retóricos – porque, entre outras razões, a Retórica foi o cerne da formação intelectual brasileira até o início do século XX (SOUZA, 1999, p.36) – e na invocação da Antiguidade para a constituição de sentidos – porque a concepção de história de Euclides reconhecia elos e irrupções do passado, mesmo o mais distante¹⁰.

Na sequência deste texto, analisamos alguns aspectos retóricos¹¹ de *Os sertões*, vislumbrando um *éthos* discursivo particular de seu autor em uma seção específica. Nela encontramos a invocação da Antiguidade a dar sustentação ao juízo de que houvera um crime e

⁹ Em sua particular introdução, Euclides escreveu que ao invés da “história da campanha de Canudos” pretender esboçar, “palidamente embora, **ante o olhar de futuros historiadores**”, os “traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil” (p.10, 7-8). Penso ser isso, por um lado, uma *apóstrofe*, a figura de enunciação “que consiste em dirigir-se a algo ou alguém diferente do auditório real, para persuadi-lo mais facilmente” (REBOUL, 1998, p.133). Ao nomear este destinatário ideal, estabelecia-se um dignificante plano do juízo do escrito, a história futura, quando o que se visava mesmo era o leitor de 1902. Por outro lado, ao longo de toda o portentoso trabalho, é um historiador que se manifesta. Exemplos: contrapondo ao seu empreendimento, preservador de uma nova memória de Canudos, Euclides escreve não terem tido um historiador as missões jesuíticas (p.105, 244) desbravadoras do sertão e as “agitações sertanejas”(p.139,8, 63-4); além disso, a “selvageria impiedosa” dos soldados a degolar seus adversários vencidos contava com a segurança de não “temer-se o juízo tremendo do futuro. **A História não iria até ali.**” (p.512, 142-3). Ela o foi, graças a Euclides.

¹⁰ Essas repetições, segundo Rafael Vicente Kunst, indicam uma concepção cíclica de tempo (2012, p. 33, 45). Já Fernando Nicolazzi crê que as analogias euclidianas com tempos passados não invalidam uma preponderante concepção progressista de tempo em *Os sertões* (2001, p. 271). Há que se considerar, creio, também a contribuição individual, em que “raça” e “meio” se conjugam para as “repetições históricas” por meio de regressões. Parece ter sido o caso da explicação da figura de Antônio Conselheiro: “Em seu desvio ideativo vibrou sempre, a bem dizer exclusiva, a nota étnica. Foi um documento raro de **atavismo**. A **constituição mórbida** levando-o a interpretar caprichosamente as condições objetivas, e alterando-lhe as relações com o mundo exterior, traduz-se fundamentalmente como uma **regressão ao estágio mental dos tipos ancestrais da espécie.**”(p.145, 53-58) Para o que contribuía também “o influxo das **raças inferiores**”(p.146, 68). A consequência: “**A história repete-se**” com o movimento capitaneado por Conselheiro (p.146, 88).

¹¹Na Retórica de Aristóteles encontramos uma proposição universalista desta arte, porque todas as pessoas questionariam e sustentariam um argumento, se defenderiam ou acusariam cotidianamente. “Simplesmente, na sua maioria, umas pessoas fazem-no ao acaso, e, outras, mediante a prática que resulta do hábito. E porque os dois modos são possíveis, *é óbvio que também seria possível fazer a mesma coisa seguindo um método*, pois é possível estudar a razão pela qual tanto são bem-sucedidos os que agem por hábito quanto os que agem espontaneamente, e todos facilmente concordarão que tal estudo é tarefa de uma arte[*téchne*].”(I. 1354a 1-13). Sistematizada a partir da prática oratória, logo a retórica fez parte da expressão escrita de gregos e, posteriormente, de romanos.

houvera vítimas do violento avanço civilizacional: um admirável “patrício” de seus algozes, mas também um “bárbaro”.

Éthos heroico e invocação do testemunho tucidideano

A campanha de Canudos tem por isso a significação inegável de um primeiro assalto [da civilização], em luta talvez longa. Nem enfraquece o asserto o termo-la realizado nós, filhos do mesmo solo, porque, etnologicamente indefinidos, sem tradições nacionais uniformes, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa, e armados pela indústria alemã - tivemos na ação um papel singular de mercenários inconscientes. (*Os sertões, Nota Preliminar*, p.11, 26-34)

Nas notas à segunda edição (1903), Euclides concluiu suas respostas às críticas feitas ao seu trabalho respondendo àqueles que tinham estranhado a classificação dos repressores de Canudos como “mercenários inconscientes” da guerra de extermínio civilizacional:

Estranhou-se a expressão. Mas devo mantê-la: mantenho-a.

Não tive o intuito de defender os sertanejos porque este livro não é um livro de defesa; **é infelizmente** de ataque.

Ataque **franco** e, devo dizê-lo, **involuntário**. Nesse investir, aparentemente desafiador, com os **singularíssimos civilizados** que nos sertões, diante de **semibárbaros**, estadearam tão lastimáveis **selvaticezas**, obedeci o rigor incoercível da verdade. **Ninguém o negará.** (*Os sertões, Notas à Segunda Edição*, p. 560, 238-246)

Já foi observado que Euclides criou um narrador que se reveste da figura de um tribuno, “discursando para persuadir”; que em *Os sertões* não temos um narrador que busca as sombras da autoanulação, mas o “gesticular patético do orador, afastado e elevado, em confrontação, querendo convencer” (GALVÃO, 2016, p.625). O próprio Euclides confessou, depois de ler *Éloquence et improvisation: art de la parole oratoire au barreau, à la tribune, à la chaire*, de Eugène Paignol, seu gosto pela “tribuna” e seu desejo de usar a oratória na defesa de “qualquer infeliz”:

Pudessem todos ler este livro... O espírito após atravessar estas páginas como se transfigura _ sentimos dentro de nós uma nova força, latente e invencível _ a única capaz de fielmente transmitir as energias da nossa alma.

Vemos quanto é forte esta alavanca _ a palavra _ que alevanta sociedades inteiras, derriba tiranias seculares...

(...)

Eu tenho fanatismo tão insensato pela palavra, **pela tribuna** que, faça embora o que fizer de melhor para a sociedade, **tereí cumprido mal o meu destino se não tiver ocasião de, pelo menos uma vez, erguer a minha palavra sobre a frente de qualquer infeliz**, abandonado de todos; e aí **impávido, altivo, audaz e insolente** arriscar em prol de sua vida obscura todas as energias de meu cérebro, todos os meus ideais a minha ilusão mais pura, o meu futuro e a vida minha!... (CUNHA, 1888)

A cobertura da campanha de Canudos ofereceu a “ocasião” para redação do libelo de defesa, pelo qual Euclides se colocou na posição de escritor-orador. É essa imagem que nos vem à mente nesta evidente preterição: **“Estranhou-se a expressão. Mas devo mantê-la: mantenho-a.”** Os retores antigos sempre ressaltaram ser preciso empregar sua arte¹² de forma que a mesma não fosse percebida de uma forma evidente¹³. Pois na nossa leitura, o tropo

¹²“O conceito grego de *téchne*, que costuma traduzir por ‘arte’, não fala da realização dos artistas, não tem o compromisso estético nem o valor da genialidade que lhes atribuímos hoje. A *Techné* é uma atividade humana fundada num saber. Aquele que tem uma arte detém um saber que o orienta em sua produção.” (MOREIRA, 2006, p.73-4). “Arte [*ars*] é o preceito que dá método e sistematização ao discurso.” ([CÍCERO], *Retórica a Herênio*, I. 3)

¹³Ao defender o uso de exemplos próprios na escrita de um manual de retórica, o autor da *Retórica a Herênio* observou: “Além disso, os exemplos tomados de outros não podem acomodar-se tão bem à arte, porque ao discursar, geralmente, cada um dos lugares é tocado de leve, para que o artifício não se mostre. Ao preceituar, porém, é preciso dar exemplos expressamente redigidos para conformar-se ao plano da arte. Depois, ao discursar, para que a arte não se sobressaia e seja vista por todos, que seja ocultada pela faculdade do orador. Portanto, também para que a arte seja bem apreendida é melhor usar exemplos próprios”. (IV, 10) Recomendação semelhante já fizera Aristóteles ao tratar da elocução: “É pois isto que os autores, ao comporem, o devem fazer passar desapercibido e não mostrar claramente que falam com artificialidade, mas sim com naturalidade, pois este último modo resulta persuasivo, o anterior, o oposto. Na verdade, as pessoas enchem-se de indignação como contra alguém que contra elas conspirasse, tal como perante vinhos adulterados.(...) Passa corretamente desapercibido o artifício que se compõe escolhendo-se palavras da linguagem de todos os dias: isto é o que Eurípides faz e foi ele o primeiro a mostrá-lo.” (*Retórica*, III, 1404b, 18-26).

(lexical) usado por Euclides perde sua eficácia pelo seu explícito caráter “artístico”. Escrito como está, com os dois pontos transmitindo a resolução do “impasse”, torna-se, em nossa leitura, artificial no sentido de afetado. Digo isto apesar de admirar o tom grandiloquente da passagem; e esta admiração é fruto, em grande parte, do contraste com a natureza da escrita histórica com que estamos acostumado, cujo artifício objetivista exclui um narrador manifesto no texto e qualquer complexidade maior da linguagem para a expressão de sentido.¹⁴

Destacamos, em segundo lugar, a ideia de uma realidade paradoxal presente na passagem... vocês precisarão lembrar de que na primeira citação de nossa exposição está a ideia de que a Guerra de Canudos foi um refluxo para o passado... Porque, para Euclides, o sertanejo, apesar de não ser “degenerado” como os brasileiros do litoral, era um “retrógrado”... permanecera à parte do movimento da história e, por essa razão, era um “forte”¹⁵. A sentença “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”, que abre o cap. III da seção “O homem”, é hoje um lugar-comum sobre o homem nordestino¹⁶. Em geral, quando a repetimos desconsideramos ser tal “fortaleza” fruto de

¹⁴A mesma boa vontade não tive ao ler este extrato com preterição e grandiloquência semelhantes: **“Para mim é inadmissível. Não posso silenciar. Não devo silenciar.** Tenho sido vítima desde maio de torpezas e vilezas que pouco a pouco, e agora até mais rapidamente, têm vindo à luz. Jamais poderia acreditar que houvesse uma conspiração para me derrubar da Presidência da República. **Mas os fatos me convenceram. E são incontestáveis.**” Trata-se de carta enviada por Michel Temer aos deputados em meio à escalada de tensão entre ele e Rodrigo Maia, presidente da Câmara. Mesmo que se tratasse de alguém com, aos meus olhos, alguma legitimidade, suspeito que a artificialidade das suas palavras continuaria sendo evidente e o resultado, patético, no sentido de ridículo, tolo. Disponível em : <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,temer-envia-carta-a-parlamentares-para-se-defender-de-denuncia,70002047759> . Acesso em 16 out. 2017.

¹⁵“É um retrógrado; não é um degenerado. Por isto mesmo que as vicissitudes históricas o libertaram, na fase delicadíssima da sua formação, das exigências desproporcionadas de uma cultura de empréstimo, preparam-no para a conquistar um dia” (*Os Sertões*, p. 203, 547-550).

¹⁶“O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral” (*Os Sertões*, p.115, 1-2). A fortitude sertaneja é dependente da caricata figuração do brasileiro litorâneo, de debilidade física esgotante e “neurastênico”. Neurastenia, desde a criação do termo pelo médico estado-unidense George Miller Beard (1839-1883), designa patologia de origem nervosa, causadora de apatia, desânimo, pessimismo, irritação, azedume... (ZORZANELLI, 2010, p. 432). Seria o estado de Euclides da Cunha ao descobrir os erros de *Os sertões* ainda no prelo, conforme seu último entrevistador, Viriato Correia. O que não o impediu de revisar minuciosamente o texto (ROSSO, 2009).

uma anomalia, pois era elemento de uma cápsula de tempo perdida, possível pelas condições *sui generis* de uma realidade paradoxal. Por isso ele foi dito um “Hércules-Quasímodo”:

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. **Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos.** (*Os sertões*, 2001, p. 207)

Rafael Kunst concordou e defendeu a tese de que “Hércules-Quasímodo” é uma metáfora e não um oximoro (2012). A ideia, porém, de que o oximoro é pertinente à transmissão de uma realidade paradoxal (FLORIN, 2016, p.61) nos parece adequada à caracterização euclidiana do sertanejo. Walnice Galvão escreveu haver em *Os sertões* e em obras de outros intelectuais do período um “pensamento oximorótico” e que “o oximoro em Euclides não só orna como expressa a dificuldade real de alcançar uma síntese entre doutrinas contraditórias” (2009, p. 55). Talvez não haja síntese possível que exclua essa coincidência de opostos euclidiana. Na sequência da última citação temos

Entretanto, toda essa aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combatida operam-se, em segundos, transmutações completas.(...)e da figura do **tabaréu canhestro** repona, inesperadamente, o aspecto dominador de um **titã acobreado e potente**, num desdobramento surpreendente de fora e agilidade extraordinárias. (p. 207-2008)

A esta realidade proteica de um mundo sertanejo mantido à parte da história também corresponde a expressão “Troia de Taipa, outro exemplo de tropicalização da tradição antiga para transmitir a noção de um mundo em que os opostos podiam coincidir. Mas quando o sertanejo estava sob a ação de Antônio Conselheiro, um ‘gnóstico bronco’ (p. 156,89), era um “degenerado” e a sua Canudos

era: “A *urbs* monstruosa, de barro, definia bem a *civitas* sinistra do erro.”(p.174, 62). É possível que no início do século XX o leitor bem formado reconhecesse com facilidade o engenho do uso euclidiano desses termos latinos... talvez fosse tão comum que nem engenho parecesse.... Para nós, contudo, parece admirável o recurso aos sentidos diversos de *urbs* - a designar a realidade material - e de *civitas* - a nomear o “corpo de cidadãos”-, correspondendo a usos possíveis dos termos no latim antigo. Canudos, materialmente monstruosa revelava uma organização social equivocada e “sinistra” (“má”, “assustadora”, “temível”, “funesta”... como selecionar os sentidos adequados dentre os oferecidos por um dicionário atual?) porque a “tapera colossal parecia estereografar a feição moral da sociedade ali acoutada. Era a objetivação daquela insânia imensa. Documento ineludível permitindo o **corpo de delito** direto sobre os desmandos de um povo.”(p. 173, 55-6). Era uma vítima desprovida de traço de inocência perdida...mesmo porque o sertão, a caatinga, estava (e está) longe de ser um paraíso.

Esses argumentos que são elaborados a partir de paradoxos são recorrentes no ataque do autor contra os crimes daqueles considerados como “civilizados brasileiros”. Mesmo definindo o Exército e a população do litoral nacional, em contraposição aos sertanejos, como detentores da civilização, esses são denunciados ao longo de toda a obra euclidiana por seus diversos atos bárbaros, principalmente na campanha contra Canudos. Segue uma de suas primeiras definições sobre seus civilizados: “sem tradições nacionais uniformes, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa, e armados pela indústria alemã – tivemos na ação um papel singular de mercenários inconscientes” (p.11, 29-32). Alimentando-se de princípios civilizadores alheios a sua realidade e sem desenvolver uma cultura nacional – assim Euclides concebia a civilização brasileira. Sua civilidade não só é aparente, mas foi desenvolvida parasitariamente. Inconscientes, os civilizados brasileiros nem mesmo tomaram conhecimento da sua atuação na trajetória irreversível da história da

civilização. Em outra reflexão, Euclides da Cunha lança outra crítica, ainda mais contundente, à “pretensa civilização brasileira”:

A força portentosa da hereditariedade, aqui, como em toda a parte e em todos os tempos, arrasta para os meios mais adiantados – enlavados e encobertos de ténue verniz de cultura – trogloditas completos. Se o curso normal da civilização em geral os contém, e os domina, e os manietta, e os inutiliza, e a pouco e pouco os destrói, recalçando-os na penumbra de uma existência inútil, de onde os arranca, às vezes, a curiosidade dos sociólogos extravagantes ou as pesquisas da psiquiatria, sempre que um abalo profundo lhes afrouxa em torno a coesão das leis, eles surgem e invadem escandalosamente a história. (p.332, 105-113)

Essa longa crítica foi feita após a descrição da histeria antimonarquista que teria dominado a Capital após a notícia da derrota da Expedição liderada por Moreira César contra o arraial rebelde, em que uma multidão teria atacado sedes de diversos jornais, acusados de monarquistas. O temor criado diante da certeza de Canudos ser uma conspiração monárquica teria dominado toda população, inclusive o presidente da República. Nesse contexto, os “trogloditas completos” despir-se-iam do “tênue verniz de cultura” e dominariam os rumos da História, libertados por um “abalo profundo” na “coesão das leis”. Através dessa descrição paradoxal dos “brasileiros civilizados”, a barbárie dos criminosos é exposta também fora do cenário sertanejo, aumentando a culpa do “réu” e fortalecendo o argumento da sua denúncia.

Analisando a obra para além da passagem acima citada, encontramos outra manifestação dessas “lastimáveis selvaticezas” dos “singularíssimos civilizados”. A série de degolas promovidas pela quarta expedição contra Canudos é um grande exemplo. Miriam Gárate destaca a questão das degolas n’*Os Sertões* como um ponto de conexão entre diversos trechos do livro, como também entre os sertanejos e os militares que os atacaram: “[...] põe a circular um signo, o da degola, epítome de uma prática ‘bárbara’. Signo que rolará de mão em mão até retornar, ‘realizado’ e quase idêntico,

àquela que é sua fonte de emissão” (GÁRATE, 2001, p.55). A primeira aparição desse signo já se daria na sessão *A Terra*, quando o autor descreve a espécie de planta comum no sertão conhecidas como cabeças-de-frade (p.53, 333). Segundo Gárate, a alusão a essa espécie vegetal, inserida na elaboração do cenário de um meio tão bárbaro quanto seus habitantes, teria a intenção de introduzir o leitor aos eventos mencionados posteriormente na sessão *A Luta*, prenunciando a violência exercida por ambos os lados do conflito. As próximas referências ao signo da degola estão presentes nas partes inicial e final do capítulo *Expedição Moreira César*. Pouco depois de traçar o perfil de Moreira César, descrito como um militar desequilibrado e inexpressivo, que teria sido feito herói por uma sociedade também em desequilíbrio e desordem. Sua fama foi adquirida principalmente depois da violenta repressão promovida por ele nos conflitos federalistas de Santa Catarina. A reputação violenta do militar se espalhou nos sertões junto com as notícias do novo assalto contra Canudos liderado por ele, provocando grande temor entre os conselheiristas. Euclides da Cunha descreve Moreira César como fruto de uma “fase crítica da nossa história”, caracterizada pelas violentas repressões contra a Revolução Federalista no sul do país e contra as Revoltas da Armada. Esse contexto teria permitido que aquela figura bárbara tivesse se destacado tanto – a entrega de uma expedição militar a uma figura tão débil seria prova da própria debilidade, imoralidade e decadência de sua sociedade que se definia como civilizada. Assim, o “Corta-cabeças” seria o filho dos erros da civilização brasileira.

A trajetória do símbolo da degola continua na longa descrição da atitude dos sertanejos logo após sua vitória contra a investida liderada por Moreira César. Enquanto o Exército debandava deixando para trás armamentos e recursos. Após recolherem os cadáveres que ficaram para trás, os conselheiristas começam um “sinistro ritual” descrito pelo autor:

(...) os jagunços reuniram os cadáveres que jaziam esparsos em vários pontos. Decapitaram-nos. Queimaram os corpos. Alinharam depois, nas duas bordas da estrada, as cabeças, regularmente espaçadas, fronteando-se, faces volvidas para o caminho. Por cima, nos arbustos marginais mais altos, dependuraram os restos das fardas, calças e dólmas multicores, selins, cinturões, quepes de listras rubras, capotes, mantas, cantis e mochilas... (p.325, 140-146)

Nesse trecho não há muitas reflexões do autor sobre essas ações – possivelmente porque essas seriam esperadas, ou pelo menos condizentes com o estágio evolutivo dos bárbaros do sertão. Entretanto, antes da descrição acima citada, uma breve afirmação nos auxilia a compreender esse “rompante bárbaro”: “E a crença, revigorada na brutalidade dos combates, crescendo, maior, num reviver de todos os instintos bárbaros, malignou-lhes a índole” (p.325, 134-136). Portanto, a barbárie sertaneja teria sido reascendida pela violência dos combates na defesa de Canudos, como o autor narrara antes do trecho citado. Se esses instintos foram provocados pela ferocidade com que tiveram que defender suas casas, então, conseqüentemente, o ritual da decapitação teria responsabilidade, pelo menos indireta, dos militares que iniciaram o assalto a Canudos. Essa relação não anula a barbárie daqueles conselheiristas, mas pelo menos a ameniza, pois, quando relaciona as selvagerias dos sertanejos e dos “civilizados do litoral”, afirma: “Estes [os jagunços], ao menos, eram lógicos. O jagunço, um anacronismo étnico, só podia ter feito o que fez”. Portanto, comparados aos bárbaros do sertão, os civilizados brasileiros eram ainda menos civilizados, pois, mesmo tendo contato com a “luz civilizadora”, voltaram para a escuridão da ignorância.

Como temos certa ligação com Tucídides, me espantei quando li pela primeira vez a seqüência seguinte¹⁷, a segunda preterição, ao

¹⁷Foi Hilton Costa quem deu a notícia desta passagem, em algum momento do início dos anos 2000.

mesmo tempo um inventivo argumento de autoridade que conclui a resposta:

E se não temesse envidar-me em paralelo que não mereço, gravaria na primeira página a **frase nobremente sincera** de Tucídides, ao escrever a história da guerra do Peloponeso – porque eu também, embora **sem a mesma visão aquilina**, escrevi “...sem dar crédito às primeiras testemunhas que encontrei, nem às minhas próprias impressões, mas narrando apenas os acontecimentos de que fui espectador ou sobre os quais tive informações seguras.” (*Os sertões. Notas à Segunda Edição*, p. 560, 245-252)

Considerando o conhecimento atual da obra de Tucídides, creio que esta invocação do autor da Guerra dos Peloponésios e Atenienses é um argumento de autoridade com consideráveis chances de fracasso. Quem é o historiador contemporâneo que pensa em defender seu trabalho recorrendo a algum historiador grego antigo? Ou romano? Qual o prestígio contemporâneo da historiografia antiga? Quem já ouvir falar de Tucídides? Quem conhece sua única obra? Mesmo fora do Brasil, creio que são poucos que concordariam com este juízo, de um especialista da área de História Antiga:

Heródoto pode ou não ter 'inventado' a história. (...) Este estudo começa com, e sempre tem em mente, Heródoto, mas seu foco principal é sobre Tucídides, o historiador ateniense **que, para o melhor e pior, fez muito para definir o que foi entendido por 'história' nos dois mil anos seguintes.** (CRANE, 1998, p. 01)

Ao invés de considerar como simples manifestação de pedantismo, o argumento de autoridade pode ser visto como uma tentativa de estabelecer um elo persuasivo “entre juízos admitidos e outros que se procura promover” (PERLEMAN & TYTHECA, 2005, p. 297). Na argumentação euclidiana, a intenção foi defender-se estabelecendo uma ligação entre os seus procedimentos de pesquisa e os de Tucídides... hoje resta a curiosidade e o interesse em

investigar tal recurso, especialmente pensando nos significados da invocação da Antiguidade em obra tão relevante da História Intelectual brasileira.

Ignoramos ainda a versão citada ou parafraseada. Nas traduções que conhecemos, em português, francês e inglês, a passagem completa não difere muito desta versão em português: “E, quanto às ações que foram praticadas na guerra, decidi registrar não as que conhecia por uma informação casual, nem segundo conjectura minha, mas **somente aquelas que eu próprio presenciara e depois de ter pesquisado a fundo** sobre cada uma junto de outros, com a maior exatidão possível.” (TUCÍIDES. I. 22.2.)

Seja citação ou paráfrase, é possível dizer que Euclides se defendeu alegando, *a posteriori*, elementos de um procedimento metodológico marcado por dupla cautela. Descartou os primeiros assistentes dos fatos e as suas próprias sensações do que viu e ouviu. Como na maior parte do universo da historiografia grega antiga, desconfiada do dito e ouvido, afirmou ter privilegiado *ou a autópsia* - sendo sua visão a garantidora da veracidade do narrado - *ou relatos seguros*, apesar de, a exemplo dos Antigos antecessores, não informar os critérios capazes de fazer *certa* esta ou aquela versão.¹⁸

Chama-nos a atenção igualmente a ausência do parágrafo imediatamente anterior ao parafraseado:

Quanto aos discursos que cada uma das partes pronunciou, quer nas vésperas da guerra, quer no seu decorrer, reproduzir-lhes as palavras exatamente era difícil, para mim quando os ouvira pessoalmente, para os outros quando me transmitiam o que tinham ouvido de qualquer outra fonte; como me parecia que cada orador teria falado o que cabia sobre as situações sucessivas, atendo-me o mais próximo possível do sentido geral das palavras realmente pronunciadas, assim vão formulados. (TUCÍIDES. I. 22.1)

¹⁸ Sobre a autópsia como princípio historiográfico grego, consultar François Hartog (1999, 273-314) e Francisco Murari Pires (1995).

Já na Antiguidade, a reprodução de discursos em obras históricas causava polêmica – Políbio atacou o rival Timeu pelo desleixo na determinação da causa dos eventos e na reprodução de discursos realmente pronunciados. Quanto aos historiadores modernos, há muito tempo essas linhas de Tucídides causam constrangimento pelo que conflitam com o mandato que nos impede de *criar* na escrita do passado (PIRES, 1995, 2003). O embaraço é muito comum àqueles que pretenderam e pretendem ver no historiador heleno um êmulo antigo de sua pretensão à “veracidade objetiva”. Em uma situação em que a veracidade de seu relato era desafiada, Euclides pode ter omitido essa proposição metodológica certamente inadequada ao seu propósito.

Ocorre-nos, no entanto, esta pergunta: em razão da modéstia autoral euclidiana, teria Tucídides perdido a chance de aparecer na primeira página de *Os Sertões*? Desconfiamos que nunca saberemos – e talvez isso realmente não seja necessário. De qualquer forma, dupla cautela mencionada, a autoapresentação como narrador-testemunha ou narrador-bem fundado (porque baseado em fontes confiáveis) corresponde realmente a certa leitura da figura de Tucídides, a despeito da pretensão euclidiana de também ser um memorialista conforme um juízo justo dos fatos ocorridos – o que o aproximaria mais de Heródoto, o qual é completamente ignorado por ele.

Haveria também um obstáculo prático na transcrição da epígrafe manifestamente omitida: a contradição com a ideia transmitida pela citação, em francês, de Hipólito Taine, do *Ensaio sobre Tito Lívio, 1874*: crítica uma história que respeita fatos, mas não preserva a “cor”, a “alma” dos acontecimentos:

ele se irrita contra as meias verdades que são as meias falsidades, contra as autoridades que não alteram uma data, nem uma genealogia, mas desnaturam os sentimentos e os costumes, que conservam o desenho dos acontecimentos mudando-lhes a cor, que copiam os fatos desfigurando a alma: quer sentir como bárbaro entre

os bárbaros e, entre os antigos, como antigo. (Tradução de Leopoldo M. Bernucci, *Os sertões, Nota Preliminar*, 2001, p. 67)

A pretensão euclidiana de se equiparar a Tucídides acabou sendo publicada nas páginas finais da segunda edição de *Os sertões*, de forma pertinente à pretensa modéstia do autor, da qual desconfiamos pelas suas reiteradas manifestações. A vaidade do narrador, me parece pela leitura ser de tal magnitude que exige diversos meios atenuadores para sua expressão, como no caso da oblíqua comparação a Tucídides, em que temos: “E se não temesse envaizar-me em paralelo que não mereço” e “sem a mesma visão aquilina”.

Essa impressão de vaidade excessiva desesperadamente mitigada pode ser acentuada se lembrarmos da primeira linha de *Os sertões*: “Escrito nos intervalos de folga de uma carreira fatigante”... Em um *Caderno* dito “íntimo”, de 1902, Euclides anotou uma variante desta frase “Escrevi-o em quartos de hora, nos intervalos da minha **engenharia fatigante e obscura.**”(Caderno íntimo, 1902)

“Trabalhador”, “franco”, paciente do “rigor incoercível da verdade”, resignado com o seu destino...um amálgama de obscuridade profissional e sucesso como um escritor que se fez luminar, um cientista e um historiador do presente.... é um curioso exemplo de “herói estoico”. No “Caderno Íntimo” já citado, em variante do que foi publicado, a proposição metodológica tucidideana é qualificada como sendo uma “serenidade estoica”. Esta, portanto, nos pareceu ser a imagem pretendida por Euclides.

O linguista Victor Klemperer, na crítica ao espalhafatoso heroísmo nazista tipificado pelos combatentes e atletas do partido, vaidosos ao extremo e caracterizados por um “exibicionismo de gladiadores” (2009, p. 43-44), afirmou que o heroísmo é tanto mais puro e significativo quanto mais discreto, menos lucrativo e espantoso.

O heroísmo é muito mais puro e significativo **quanto mais discreto** for, quanto menos público cultivar, **quanto menores**

rendimentos trazer para o herói e **quanto menos espalhafato** alcançar. O que critico no conceito nazista de heroísmo é que ele depende do aspecto promocional. Apresenta-se como soberba. (KLEMPERER, 2009, p. 44)

Não cremos que a exuberante escrita euclidiana corresponda ao exibicionismo nazista. Mas a repetição do ornamento nesta defesa de *Os Sertões* deixa mais uma vez clara, a nosso ver, a arte envolvida. Dependendo do leitor, a compreensão da artimanha pode comprometer o sucesso da intensificação de sentido (FLORIN, 2016, p.32), do recurso de ocultação do objetivo logrado. Ainda mais se o leitor atentar para o parágrafo de abertura das “Notas à 2ª Edição”:

Este livro, secamente atirado à publicidade, **sem amparos de qualquer natureza, para que os protestos contra as falsidades que acaso encerrasse se exercitassem perfeitamente desafogados**, conquistou – franca e espontânea -expressa pelos seus melhores órgãos, a grande simpatia nobilitadora da minha terra, **que não solicitei e que me desvanece**. Os únicos deslizos apontados pela crítica são, pela própria desvalia, bastantes eloquentes no delatarem a segurança das ideias e proposições aventadas.

É o que demonstra esta resenha rápida (...) (*Os sertões*, 2001, 783)

Os críticos, que foram e são muitos, devem ter adorado uma resposta às suas objeções na forma de “uma resenha rápida” dita suficiente...Há outras passagens do Caderno Intimo e seções que revelam esse esforço em parecer corajoso, modesto, humilde...A mim, tudo isso é compensado pela riqueza da linguagem que me faz admirar uma ausência de apoio prévio transformada em ato de coragem e de honestidade intelectual.

O que destaco, porém, é que a citação da História da Guerra dos Peloponésios e Atenienses coloca a Antiguidade, a Historiografia Antiga, no cerne de uma argumentação defensora do juízo a respeito da Guerra de Canudos logo expresso na Introdução, auxiliando na composição do sertanejo como a vítima de um crime. Não uma vítima encarnação da inocência, mas um personagem perturbador, proteico,

condenado ao extermínio. Assim, elucida-se também pontos fundamentais da própria concepção do autor sobre o papel de Canudos para a história brasileira, e mesmo para uma história da civilização, partindo de eventos relativos aos antigos gregos até a consolidação da civilização no sertão brasileiro. Os acontecimentos narrados envolvendo os seguidores de Conselheiro e mesmo a genealogia da barbárie sertaneja serviram como fontes de conhecimento para “futuros historiadores”, tal como seria o conflito do Peloponeso tratado por Tucídides. A religião dos conselheiristas é explicada a partir de suas semelhanças com antigos hereges, o homem do sertão é comparado com diversas figuras mitológicas, como centauros, titãs, Anteu e Hércules. Nesses casos, além de parte de sua estratégia argumentativa, essas metáforas são meios para compreender o que era concebido como um paradoxo enigmático para Euclides da Cunha, como ele demonstra ainda em seu diário de expedição, em suas primeiras afirmações sobre aqueles sertanejos: “incompreensível e bárbaro inimigo”.

Retomando a elaboração da grande denúncia euclidiana, podemos perceber outra aproximação sua com Tucídides. Se as forças do presente não seriam capazes de julgar e condenar os crimes da civilização praticados na destruição do arraial, é rogado para que o futuro cumpra essa tarefa: “Ademais, não havia temer-se o juízo tremendo do futuro. A História não iria até ali.”; concluindo, ao final desta denúncia, clamando por justiça: “Mas que entre os deslumbramentos do futuro caia; implacável e revolta; [...]; brutalmente violenta, porque é um grito de protesto; sombria, porque reflete uma nódoa – esta página sem brilhos...” (p. 513, 175-178). Nesse trecho fica evidente que o julgamento declarado por Euclides da Cunha é transferido para seus futuros leitores. Quem lesse sua obra e tomasse conhecimento dos acontecimentos daquela guerra, adotaria invariavelmente seu julgamento – assim, o autor fala pelo futuro, constrói a significação que a posteridade daria para aqueles eventos. Nicolazzi aponta aqui uma possível comparação da obra euclidiana como um instrumento de ensino para “futuras gerações” com os

desejos de Tucídides para a finalidade de sua obra: “Não é demasiado sugerir que Tucídides o inspira não apenas como observador fidedigno, mas também pelo escopo de seu trabalho: que *Os Sertões* seja, enfim, uma aquisição para sempre, [...]” (NICOLAZZI, 2010, p.183). Portanto, conclui-se que o autor d’*Os Sertões* recorre aos antigos não somente para elaborar metáforas, traçar argumentos de autoridade ou reforçar seus argumentos de fundamentação histórica, mas a Antiguidade fornece o próprio *ethos* tucídideano que inspira o autor brasileiro a se apresentar como um indivíduo que se propõe a ensinar ao futuro, prevenir que erros de seu tempo se repitam e, através da “honesto narrativa dos fatos”, fazer justiça ao passado.

Referências

Edições de *Os sertões* e obras de Euclides da Cunha

GALVÃO, Walnice Nogueira (Org. e Edição crítica). EUCLIDES DA CUNHA. *Os sertões*. São Paulo: UBU; SESC, 2016.

BERNUCCI, Leopoldo M. (Ed. e Org.). EUCLIDES DA CUNHA. *Os sertões*. São Paulo: Ateliê, 2001.

COUTINHO, Afrânio (org). EUCLIDES DA CUNHA. *Obra completa. Vol. II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

CUNHA, Euclides da. NOTAS DE LEITURA SOBRE *ELOQUENCE ET IMPROVISATION*, DE E. PAIGNON. *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*, Rio de Janeiro, n. 26. Disponível em: <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&iid=6211#NOTASDELEITURA>>. Acesso em 01 out. 2017.

Geral

ARISTÓTELES. *Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2012. Tradução de Manuel Alexandre Júnior Paulo Farmsouse Alberto e Abel do Nascimento Pena.

BOLLÈME, Geneviève. *O povo por escrito*. São Paulo: Martins Fontes, 1988 [1986].

- BERNUCCI, Leopoldo. *A imitação dos sentidos. Prógonos, Contemporâneos e Epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- CONSELHEIRO, Antonio. *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso senhor Jesus Cristo, para a salvação dos homens*. São Paulo: É Realizações, 2017. Apresentação, transcrição e notas explicativas de Pedro Lima Vasconcellos.
- CRANE, Gregory. *The blinded eye. Thucydides and the new written word*. Boston: Rowmann & Littlefield, 1996.
- FLORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016(2014).
- GÁRATE, Míriam. *Civilização e Barbárie N'os Sertões entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2001.
- GOMES, Gínia Maria. *As constelações imagéticas em Os Sertões*. In: _____ (org.). *Euclides da Cunha. Literatura e História*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. O Epos da modernização. *Luso-Brazilian Review*, Madison, University of Wisconsin, Vol. 31, No. 1, 1994, pp. 1-15.
- GALVÃO, Walnice. *Euclidiana, ensaios sobre Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- KLEMPERER, Victor. *LTI. A linguagem do Terceiro Reich*. São Paulo: Contraponto, 2009 (2002).
- KROPF, Simone Petraglia. Manoel Bomfim e Euclides da Cunha: vozes dissonantes aos horizontes do progresso. *História, ciência, saúde-Manguinhos* [online]. 1996, vol.3, n.1, Rio de Janeiro, pp.80-98. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701996000100006>>. Acesso em 01 abr. 2017.
- KUNST, Rafael Vicente. *Os usos da Antiguidade clássica na elaboração dos conceitos de barbárie e civilização na obra Os Sertões*. Porto Alegre, 2012.

177 f. (Mestrado em História), Curso de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LIMA, Luiz Costa. Os Sertões: História e Romance. In: BERNUCCI, Leopoldo M. (org). *Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha*. São Paulo: USP, 2008.

MAINGUENAU, Dominique. A propósito do éthos. In: MOTTA, Ana Raquel e SALGADO, Luciana (orgs). *éthos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

MONTEIRO, Tânia. Em carta a parlamentares para se defender, Temer fala em 'conspiração' para derrubá-lo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 de outubro de 2017. Disponível em: < <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral/temer-envia-carta-a-parlamentares-para-se-defender-de-denuncia,70002047759> >. Acesso em 16 out. 2017.

MOREIRA, Fernando José de Santoro. Arte no Pensamento de Aristóteles. In: Fernando Pessoa. (Org.). *Arte no Pensamento*. Vitória: Museu Vale do Rio Doce, 2006, p. 72-88. Disponível em: < https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwizLbH177WAhVN52MKHVnBDsQFggnMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.jayrus.art.br%2FApostilas%2FLitLatina%2Farte_no_pensamento_de_aristoteles.pdf&usq=AFQjCNEGeLz5Rrtv623Zgp8-FOWIlG6sNA >. Acesso em 20 set. 2017.

NICOLAZZI, Fernando. À sombra de um mestre. Gilberto Freyre leitor de Euclides da Cunha. *História* [online]. 2010, vol.29, n.1, Franca, p. 254-277. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742010000100015>>. Acesso em 20 abr. 2017.

NICOLAZZI, Fernando. O tempo do sertão, o sertão no tempo: antigos, modernos, selvagens. Leituras de Os Sertões. *Anos 90: Revista de Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS*, Porto Alegre, v.17, n.31, jul. 2010.

PAREDES, Marçal. *Memórias de um ser-tão brasileiro*. Curitiba: Juruá, 2003.

PIRES, Francisco Murari. *Ktama es aei*. A prolixidade do silêncio tucidideano. Porto Alegre, *Anos 90*, n° 17, 2003, p. 87-109.

PIRES, Francisco Murari. *Mito e História. (Homero, Tucídides e os Princípios da Narrativa)*. São Paulo, 1995. Tese de Livre Docência, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

PRADO, Ana Lia A. de Almeida. TUCÍDIDES. *História da guerra do Peloponeso. Livro I*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROSSO, Mauro. A última entrevista de Euclides da Cunha. In: Blog Prosa – O Globo. [citado em 2009 Ago 15] Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/a-ultima-entrevista-de-euclides-da-cunha-214218.html>> Acesso em 01 out. 2017.

SIMON, Maria Lucia Mexias. CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM DE EUCLIDES DA CUNHA em Os Sertões. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ5_05.htm>. Acesso em 14 jan 2010.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência*. Rio de Janeiro: EDUERJ, EDUFF, 1999.

VARGAS, A. Z. LE BRÉSIL EN TEMPS DE CIVILISATION: Le peuple, obstacle et victime de la modernisation. In: GIUDICELLI, Xavier e SAMBRAS, Gilles (coord.) *Imaginaires, La representation du peuple 2*, Reims, Université de Reims Champagne-Ardenne, n^o 17, 2013, p. 211-226.

_____. *Os subterrâneos de Porto Alegre: imprensa, ideologia autoritária e reforma social (1900/1919)*. Porto Alegre, 1992. 327 f. Dissertação (Mestrado em História), Curso de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ZILLY, Berthold. Uma crítica precoce à “globalização” e uma epopeia da literatura universal: Os sertões de Euclides da Cunha, cem anos depois. In: NASCIMENTO, José Leonardo do. (org.) *Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos*. São Paulo: UNESP, 2002.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira. Neurastenia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.431-446. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/hcsm/v17s2/10.pdf>. Acesso em 01 out. 2017.